

O uso de dispositivos móveis para a propagabilidade de simulações de cidadania: os ataques à Rede Globo nas enchentes do Rio Grande do Sul em 2024

The use of mobile devices to propagate citizenship simulations: the attacks on Rede Globo in the Rio Grande do Sul floods in 2024

El uso de dispositivos móviles para difundir simulaciones de ciudadanía: los ataques a la Rede Globo en las inundaciones de Rio Grande do Sul en 2024

Juliana TEIXEIRA¹
Hélder NÓBREGA²

Resumo

O artigo analisa a simulação cidadã como fenômeno comunicacional, explorando o uso de dispositivos móveis na disseminação de desinformação nas plataformas digitais em contraponto com as coberturas midiáticas tradicionais. Com enfoque no confronto entre a Rede Globo e determinados grupos afetados pelas chuvas no Rio Grande do Sul em 2024. Utilizando o método de estudo de caso, por meio de coletas, avaliações e análises (Bardin, 1977), de vídeos gravados *in loco* e conteúdos jornalísticos acerca dos mesmos. Embasados em conceitos de autores como Castells (2013) e Jenkins, Green e Ford (2015), dentre outros, ao investigar questões identitárias, culturais e midiáticas em tragédias climáticas, o texto objetiva contribuir para os estudos das práticas jornalísticas considerando os vários usos das tecnologias digitais por populares.

Palavras-chave: Tragédias climáticas; Rede Globo de Televisão; Dispositivos móveis; Tecnologias digitais.

¹ Doutora em Comunicação e Culturas Contemporâneas - UFBA. Professora de Comunicação da UFPI e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFC. E-mail: teixeira.juliana.rj@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0631-7194>

² Doutorando em Estudos da Mídia pela UFRN. E-mail: heldercinema@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6762-5801>.



Abstract

The article analyzes citizen simulation as a communication phenomenon, exploring the use of mobile devices in the dissemination of misinformation on digital platforms in contrast to traditional media coverage. Focusing on the confrontation between Rede Globo and certain groups affected by the rains in Rio Grande do Sul in 2024. Using the case study method, through collections, evaluations and analyzes (Bardin, 1977), of videos recorded on site and journalistic content about them. Based on concepts from authors such as Castells (2013) and Jenkins, Green and Ford (2015), among others, by investigating identity, cultural and media issues in climate tragedies, the text aims to contribute to the study of journalistic practices considering the various uses of digital technologies by popular people.

Keywords: Climate tragedies; Rede Globo TV; Mobile devices; Digital technologies.

Resumen

El artículo analiza la simulación ciudadana como fenómeno comunicativo, explorando el uso de dispositivos móviles en la difusión de información errónea en plataformas digitales en contraste con la cobertura mediática tradicional. Centrándose en el enfrentamiento entre la Rede Globo y ciertos grupos afectados por las lluvias en Rio Grande do Sul en 2024. Utilizando el método de estudio de caso, a través de colecciones, evaluaciones y análisis (Bardin, 1977), de videos grabados en el sitio y contenidos periodísticos sobre los mismos. A partir de conceptos de autores como Castells (2013) y Jenkins, Green y Ford (2015), entre otros, al investigar cuestiones identitarias, culturales y mediáticas en las tragedias climáticas, el texto pretende contribuir al estudio de las prácticas periodísticas considerando los diversos usos de las tecnologías digitales por parte de los populares.

Palabras clave: Tragedias climáticas; Red de Televisión Globo; Dispositivos móviles; Tecnologías digitales.

Introdução

As crises climáticas têm afetado direta e indiretamente o planeta como um todo, que já demonstra sinais de esgotamento em resposta às ações humanas desprovidas de consciência ambiental. Apesar dos alertas da comunidade científica, as nossas sociedades continuam a explorar a natureza como recurso, focando em uma cultura de produtivismo e consumismo, em vez de encará-la enquanto parte vital de nosso entorno.

Diversas regiões do mundo têm enfrentado desafios extremos com relação a desastres climáticos nos últimos anos, a exemplo da onda de calor na Europa (O que



atinge..., 2019), as nevascas nos Estados Unidos³ (Janjácomo, 2022), incêndios florestais na Grécia e Turquia (Incêndios florestais..., 2021) e na Austrália (Eler, 2020), Ciclone Idai na África (Stephen, 2019), Furacão no Irma no Caribe (Furacão Irma..., 2017), o terremoto acompanhado de Tsunami no Japão (O desastre de..., 2011) e as inundações no Paquistão (Mais de 1,1 mil..., 2022). Além desses eventos catastróficos, a humanidade também passou pela pandemia global da Covid-19. Guerras geraram diversos óbitos e, em consonância a conflitos políticos, culminaram com o deslocamento em massa de populações, criando conjunturas diversas que em muito se assemelham a roteiros de filmes apocalípticos.

Dentro desse panorama, o estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, enfrentou chuvas intensas que alagaram 397 municípios dos seus 497, ou seja, 80% de seu território. As inundações causaram perdas humanas e materiais, além de danos emocionais e psicológicos incalculáveis. A mídia esteve presente nessa situação de calamidade, cobrindo os acontecimentos. No entanto, é importante não romantizar o papel dos meios de comunicação, uma vez que a cobertura de tragédias também reverbera em benefícios para as empresas de comunicação, a exemplo do aumento de audiência e engajamento. Tanto que essa questão é destacada por Traquina (2005) como um critério de noticiabilidade tradicional.

Por outro lado, a mídia desempenha um papel fundamental ao fornecer informações e atualizações sobre os desastres para as populações afetadas, ajudando a evitar a disseminação de rumores e a manter o público informado. Além disso, transmite orientações das autoridades sobre como agir para se proteger, rotas de evacuação e locais de abrigo. Ao passo que fiscaliza as ações dos governos e de outras instituições, garantindo maior transparência e pressionando por melhorias. Nesse seguimento destacamos a afirmativa de Castells (2009) ao dizer que: “Sem cobertura midiática, é pouco provável que um grande problema atinja o domínio do discurso público ou se torne uma questão política” (Castells, 2009, p. 415, tradução nossa⁴). Ademais, a mídia contribui para a documentação e preservação da memória, criando um registro histórico que pode ser utilizado para aprendizado e preparação para

⁴ “Sin la cobertura mediática es improbable que un problema importante pueda llegar al ámbito del discurso público o convertirse en tema político” (Castells, 2009, p. 415).



futuras emergências, e facilitando o diálogo entre a população, as autoridades e as organizações de ajuda.

A Rede Globo, em 2024, enviou equipes ao Rio Grande do Sul para cobrir a tragédia, mas algumas transmissões enfrentaram resistência de moradores, que expressaram descontentamento por meio de agressões verbais direcionadas tanto à emissora quanto aos seus profissionais.

Como esses “comportamentos *in loco*” nos auxiliam na compreensão dos estudos de comunicação subsidiados pelas tecnologias digitais? Para responder isso utilizaremos um estudo de caso (Gil, 2002), concomitante à análise de conteúdo (Bardin, 1997), com a qual examinamos e interpretamos os dados contidos nos audiovisuais das ocorrências e em algumas notícias dos portais Gshow e Uol, dentre outros, examinando nelas suas unidades de sentido (Gil, 2002, p. 90).

Para os propósitos deste estudo, focaremos nas tragédias relacionadas a fenômenos naturais, que têm se tornado mais frequentes, na especificidade do estado gaúcho, e em como seus conteúdos são abordados tanto pelos meios de comunicação tradicionais quanto pelas “narrativas audiovisuais autônomas” - termo que utilizamos para designar produções audiovisuais independentes, criadas e disseminadas por indivíduos ou coletivos fora dos grandes veículos tradicionais, muitas vezes impulsionadas pelas tecnologias digitais.

Castells (2013) discute como a internet se tornou um fenômeno social de comunicação de massa, desafiando ou complementando a televisão. Para o autor, os provedores de serviços de internet tentam, há muitos anos, através de diversas tecnologias e conteúdo, atingir as comunicações de massa, com o objetivo de complementar ou até mesmo substituir a televisão (Castells, 2013, p. 449).

Todavia, mesmo com o crescimento das redes, as transmissões televisivas ao vivo, ainda exercem forte apelo, sendo alvo frequente de **estratégias de conteúdo propagáveis**, nos modelos apontados por Jenkins, Green e Ford (2015). Nelas, os indivíduos aproveitam as câmeras ligadas para expressar suas opiniões, em maior parte de cunho político, diretamente ao telespectador por meio de uma construção discursiva intencional, cujo objetivo principal é gerar engajamento e polarização, na internet, sem necessariamente promover um debate público, ético e reflexivo.

Debord (2012) ressalta que o mundo moderno vive de representações imagéticas, nas quais as aparências controlam significados. O espetáculo é uma forma de organização social imposta, que não permite um diálogo ou um controle ativo das



massas sobre suas próprias experiências. Nas palavras deste autor: “Mas o espetáculo não pode ser identificado pelo simples olhar, mesmo que esteja acoplado à escuta. Ele escapa à atividade do homem, à reconsideração e à correção de sua obra. É o contrário do diálogo” (Debord, 2012, p. 18). Couldry e Hepp (2017) apontam que a mídia - por meio de plataformas digitais e não apenas com seus meios tradicionais massivos, transmitidos ou impressos - cria intersubjetividades, conectando indivíduos além do tempo e espaço.

Este estudo objetiva investigar as **estratégias de conteúdo propagáveis**, analisando como esse fenômeno pode contribuir para a construção de uma falsa impressão de cidadania e favorecer a disseminação de desinformação nas redes sociais digitais em contextos de crise climática. Preliminarmente, achamos pertinente rememoraremos alguns exemplos de manifestações que envolvem a relação de distintas populações com movimentações políticas e sociais iniciadas nas redes sociais.

Após essa breve explanação, apresentaremos o histórico do deslocamento das transmissões da referida rede de comunicação televisiva e a relação de alguns de seus profissionais com a localidade. Desse modo, destaca-se que, para as necessidades deste estudo, compreendemos cidadania enquanto um status adquirido por meio dos direitos e deveres no qual determinados membros pertencentes a uma comunidade ou território se reconhecem entre si, ou seja, “uma identidade social política” (Costa; Ianni, 2018, p. 48). Essa noção de cidadania conecta elementos de pertencimento, participação política e reconhecimento social, consolidando uma identidade que vai além do simples fato de residir em um lugar. É uma condição que também reflete as interações entre indivíduos e as instituições que garantem os direitos e demandam os deveres.

Em um terceiro momento, abordaremos o fenômeno em si, ou seja, o encontro *in loco* entre a mídia tradicional supramencionada e parte de um público, bem como as derivações desse enfrentamento.

Propagações de manifestações: das redes às ruas, uma brevíssima contextualização

Sabe-se que há muitos anos existem nas narrativas uma forte tendência de disseminação de histórias e informações. Não é novidade o fato de o homem comunicar-se por meio da oralidade em contações de histórias nas quais eram inseridos contextos atuais das comunidades que as ouvia. Benjamin (1994) em seu



clássico texto *O narrador*, confirma isso de forma segura. Com advento do uso das novas tecnologias de comunicação, essas práticas sociais e culturais adquiriram mais rapidez em sua propagação.

A cultura passou a estar ligada em redes sociais digitais. Tudo acontece mais rápido em termos de comunicação que podem utilizar-se de estratégias propagáveis, sobretudo, devido ao favorecimento do instrumental social do fenômeno *on-line*. Nesse sentido, “o conceito de “propagabilidade” preserva o que houve de útil nos modelos anteriores de comunicação: a ideia de que a eficiência e o impacto de mensagens são aumentados e expandidos por sua movimentação entre pessoas e entre comunidades” (Jenkins, Green e Ford, 2015, p. 19).

A propagabilidade facilita a circulação e o compartilhamento de conteúdo de maneira participativa, aproveitando as redes sociais e as comunidades *on-line* para disseminar informações. Esse fenômeno se baseia na criação de conteúdos que incentivem o público a compartilhar e envolver-se ativamente de diversas formas, virtuais ou presenciais, em vez de apenas consumir as mensagens.

Seguindo esse raciocínio, diversas manifestações que se iniciaram no âmbito das redes sociais digitais ganharam as ruas com uma considerável multidão de participantes. Preliminarmente destacamos as brasileiras de maior impacto, como as “Jornadas de Junho” um movimento ocorrido no mês de junho de 2013 intitulado “não é só pelos 20 centavos”.

Considerando que os processos de circulação e de constituição de sentidos estão intimamente relacionados, pode-se dizer que a passagem do enunciado das ruas para as redes sociais online abriu-o para sua polissemia, fazendo com que ele fosse passível de jogo de interpretação ao se inscrever em uma ou outra formação discursiva (Villela; Chiaretti, 2018, p. 17).

Em um outro momento entre os anos de 2014 e 2015, houve os movimentos “Vem para Rua” e o Movimento Brasil Livre (MBL) com a intenção de coibir a reeleição da presidenta Dilma Rousseff. Organizadas pelas redes sociais e internet por meio de sites oficiais, tais ações tinham uma noção antipetista (contrária ao Partido do Trabalhadores-PT) e eram atreladas ao conservadorismo. Após a vitória democrática do segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff, essas manifestações continuaram a ocorrer no país em 2016 até culminar com sua dissolução do poder (Sturari, 2020). O então impeachment da presidenta Dilma, que é compreendido por nós como um golpe contra a democracia brasileira ocorrido naquele mesmo ano. Posteriormente,



essas manifestações se revelaram basilares para outras tentativas de golpe, nos quais atos antidemocráticos são encarados como a mesma falsa noção de cidadania que destacamos no presente, a exemplo da invasão a Brasília⁵, logo após a eleição do presidente Lula, ocasião na qual terroristas bolsonaristas vandalizaram o patrimônio nacional em atos criminosos (Ferreira; Galvão, 2023).

Em outras partes do planeta movimentos de destaque iniciados nas redes sociais ganharam grande repercussão e uniram uma multidão de participantes presenciais. A exemplo da Primavera Árabe (2011) e de uma das mobilizações mais organizadas nas redes sociais e permanente até os dias atuais: o *Black Lives Matter* (BLM), traduzido em “pretoguês” para Vidas Negras Importam (Mendes, 2022). Desde então, foi criada a hashtag *#BlackLivesMatter* que começou como um chamado à ação nas redes sociais, passando para as manifestações de ruas até se transformar em um movimento antirracista global.

A força de longo prazo do movimento vai depender da sua habilidade de atingir, não apenas grandes números de pessoas, mas de integrá-las ao movimento como líderes e organizadores nas suas próprias localidades. Isso inclui estudantes, trabalhadores e membros de sindicatos também (Taylor, 2019, p. 120).

De todo modo, é importante enfatizar o poder de alcance das redes sociais, da internet, da cibercultura e do net-ativismo em organizar diversas e distintas manifestações em detrimento aos interesses sociais comuns a vastas populações. Nesse sentido, compreender a lógica das ações iniciadas em redes sociais e que ganham notória participação ativa de populares nas ruas são apontamentos necessários para entender o fenômeno da relação entre ciberespaço e manifestações sociais públicas.

Ademais, não podemos esquecer a transformação na política causada pelo aparecimento da internet 2.0, ou seja, a participação e a contribuição nas redes sociais criam novas formas de ações individuais e coletivas no que pode ser chamado de net-ativismo. São formas de exposição, discussão e denúncias com ampla magnitude e visibilidade permitidas pelo imediatismo da velocidade das redes. Tratam-se de plataformas coletivas para divulgar posições políticas, opiniões e sentimentos de grupos e indivíduos. Dessa maneira, a internet cria uma nova forma de ação política, por vezes dissonantes das instituições políticas modernas (Costa; Ianni, 2018, p. 57).

Tais relações entre o virtual e o real são importantes para militâncias na transformação das realidades por meio de ações sociais. Todavia, alertamos para o fato



de que também podem existir situações nas quais falsas impressões de participação cidadã induzam a um pseudo ativismo social justamente por não propiciar um debate público e democrático conforme tentaremos demonstrar com nossos argumentos a seguir que expõe o que se denomina nesse estudo como **estratégias de conteúdo propagáveis**.

Da televisão aos dispositivos móveis

A mídia televisiva é o meio predominante de comunicação; entretanto, é necessário destacar um fenômeno cada vez mais convergente em diversos níveis, fatores e marcadores sociais. Os dados mais recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD TIC 2023), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que a televisão, com sua inserção em 94,4% dos lares brasileiros e alcance de 91,6% por meio de TV aberta, mantém sua relevância como o principal meio de comunicação de massa tradicional no país. Ela continua sendo um veículo essencial para o consumo de conteúdo em diversas camadas da população, especialmente entre as populações mais velhas e em áreas rurais, onde o acesso à internet pode ser limitado. No entanto, a internet tem crescido rapidamente e hoje está presente em 91% dos lares brasileiros, superando em alcance a televisão por assinatura e se tornando o principal meio para diversas atividades comunicacionais e de entretenimento, especialmente entre os jovens e nas áreas urbanas. (IBGE, 2024).

Esse cenário evidencia uma coexistência e, ao mesmo tempo, um processo de transição. Enquanto a televisão mantém sua posição como meio de comunicação de massa mais tradicional e acessível, a internet avança como o principal meio para a conectividade e consumo de informação, especialmente nas novas gerações. Esse fenômeno sugere que, no Brasil, não se trata de uma simples substituição, mas de uma complementaridade que reflete as diferentes realidades socioeconômicas e culturais do país.

Soma-se a isso o fato de que, hoje, a mobilidade da comunicação é tanto física quanto conteudista, surgindo da necessidade de movimentação de pessoas, objetos e da própria informação. Para Firmino da Silva (2015), o jornalismo móvel é uma prática histórica que antevê a necessidade de transportar a informação dos jornais e revistas para os meios eletrônicos como o rádio e a televisão.



No cenário atual, a prática é caracterizada pela mobilidade física e informacional para a produção de conteúdos diretamente do local do evento cujas condições são potencializadas pela portabilidade, ubiquidade e mobilidade, além da consideração do aspecto de espacialização contextualizada com a geolocalização da notícia (Silva, 2015, p. 9).

Evidentemente que há uma maior utilização das mobilidades informacionais, por meio de uso de aparelhos tecnológicos móveis como *smartphones*, *tablets*, celulares, dentre outros dispositivos similares. No entanto, apesar da portabilidade desses instrumentos que servem como várias ferramentas midiáticas facilitadoras da vida cultural humana, os aparatos eletrônicos ainda se configuram como os principais mecanismos de acesso informacional.

Com o uso dos dispositivos móveis, em especial os telefones celulares, foi proporcionada uma espécie de “interatividade libertária”, pois a utilização de seus aplicativos interativos, conectados em rede, vão de encontro a uma suposta programação de massa criada por conglomerados empresariais midiáticos.

Sendo assim, as “narrativas audiovisuais autônomas” - compreendidas aqui como produções audiovisuais independentes realizadas por pessoas comuns por meio de dispositivos móveis e plataformas digitais - tendem a ser creditadas como um conteúdo libertador dentro de uma lógica informacional controladora fomentada por interesses políticos, mercadológicos ou nebulosos. Uma vez que, “Ao contrário da televisão, os consumidores da Internet também são produtores, pois fornecem conteúdo e dão forma à teia” (Castells, 2013, p. 439).

Logo, quando qualquer indivíduo se mostra capaz de desafiar esses “poderosos inimigos midiáticos”, ele se torna porta-voz de um grupo que se sente protegido e representado por discursos que desafiam a mídia tradicional. Essa estratégia narrativa, que impõe uma opinião muitas das vezes desprovida de um raciocínio lógico e vinculada com a veracidade, tem uma forte tendência a ser assimilada como autenticidade, provocando desinformação e contribuindo para uma sociabilização desconexa com a própria realidade.

Essa falsa impressão do exercício da cidadania faz com que essas **estratégias de conteúdo propagáveis** ganhem notoriedade e respaldo para as populações que aceitam esses conteúdos, privando-as de um raciocínio mais aprofundado acerca das ocorrências, afastando-as do debate social, prudente, íntegro e democrático (Costa; Ianni, 2018, p. 54). Nesse fluxo evidencia-se a necessidade de compreender o



fenômeno das **estratégias de conteúdo propagáveis** justamente por estar no centro de um processo de transição do meio televisivo para o interconectivo, com ênfase no jornalismo.

Deslocamento da programação da Rede Globo para o Rio Grande do Sul

Historicamente, o Jornal Nacional estreou na televisão brasileira no dia 1º de setembro de 1969, tendo como principal concorrente o Repórter Esso, transmitido pela extinta TV Tupi (Memória Globo, 2022). No dia 6 de maio de 2024, William Bonner, seu atual editor-chefe e apresentador âncora, pegou uma carona em um avião da Força Aérea Brasileira (FAB), que levava suprimentos para as vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul, deslocando-se para aquele estado, local onde passou a comandar a apresentação do telejornal que gerencia.

Em uma notícia, a página na web do Jornal Nacional⁶ publicou a informação (Bonner embarca..., 2024) - acompanhada de um vídeo, com 38 segundos de duração, feito pelo celular do próprio Bonner, antes dele embarcar - inteirando o público que, apesar da carona em um avião das forças armadas brasileira, a Rede Globo pagaria uma taxa relativa à passagem aérea do apresentador, como forma de doação financeira para uma ONG a ser escolhida pela FAB.

Não é a primeira vez que o programa jornalístico mencionado é transmitido fora de seus estúdios. Outras ocasiões de locomoção ocorreram, a exemplo da posse do terceiro mandato do presidente Lula, cobertura realizada em 01 de janeiro de 2023, tendo Bonner e a jornalista Renata Lo Prete como âncoras. Em outra ocasião, o programa foi até Washington (EUA), em 2016, para acompanhar os desdobramentos da campanha política presidencial estadunidense.

Vale ressaltar, que outros profissionais da Rede Globo também saíram de seus estúdios para cobrir as enchentes no Rio Grande do Sul. A apresentadora gaúcha Patrícia Poeta, por exemplo, transmitiu o programa 'Encontro' de Porto Alegre. No dia 17 de maio, Patrícia apresentou sua atração de entretenimento televisivo matutino diretamente de sua cidade natal, São Jerônimo, situada naquele estado e também fortemente atingida pelas chuvas. Destacamos sua fala reproduzida em uma matéria do Gshow, *site* pertencente ao Grupo Globo de Comunicação:



Ao chegar ao Rio Grande do Sul na semana passada, após viajar de avião até Santa Catarina e andar mais de sete horas de carro, a apresentadora disse: “Voltar para a terra natal em um cenário desolador desses aqui, é muito difícil. Eu confesso a você aí de casa. Mas a gente vai focar, vai tentar fazer o trabalho da melhor forma possível para ajudar os meus conterrâneos” (Patrícia Poeta vai..., 2024).

O voltar para o local de origem da apresentadora, agora destruído pelas enchentes, demonstra um tom coloquial e destaca como a televisão se adapta à linguagem e aos costumes do público, criando uma sensação de proximidade e familiaridade. Isso é particularmente interessante no contexto de coberturas jornalísticas de eventos como as enchentes no Rio Grande do Sul, onde a comunicação exige não apenas a transmissão de informações, mas também uma conexão emocional com o público afetado.

Evidentemente, outros noticiaristas, dos demais meios de comunicação televisiva, se moveram até a região para cobrir os eventos trágicos. Entre eles destacamos os repórteres Joana Treptow e Felipe Vieira, da Rede Bandeirantes (Band), além de Márcia Dantas, jornalista do Sistema Brasileiro de Telecomunicações (SBT) e âncora do programa ‘Tá na Hora’.

Seguindo esse fluxo, rememoramos os estudos de Martín-Barbero (1997, p. 294), onde o autor destaca que a comunicação na televisão vai além da mera transmissão de informações; ela envolve um processo de mediação que transforma as notícias em narrativas culturais que ressoam com a expectativa da audiência. Em um contexto de calamidade, como as enchentes no Rio Grande do Sul, essa interposição é particularmente evidente, quando percebemos o interesse das redes televisivas em desenvolverem suas narrativas jornalísticas e, por conseguinte, sua programação transmitida *in loco*.

Sendo assim, pela perspectiva do autor supramencionado, os profissionais brasileiros envolvidos com as transmissões *in loco* da tragédia das fortes chuvas e inundações no Rio Grande do Sul, não são apenas celebridades da televisão transmissoras de informações, mas sim interlocutores que constroem uma relação direta com o público. Eles tanto apresentam notícias ou entretenimento, quanto também interpretam e moldam as narrativas acerca dos eventos em acordo com os valores e as expectativas culturais das suas audiências.



Nesse fluxo, em um recente estudo publicado pela *Revista Mídia e Cotidiano*, Becker, Botelho e Vieira (2024) entrevistam 15 renomados jornalistas para averiguar o papel do jornalismo diante de tragédias climáticas e analisam a questão da audiência do Jornal Nacional na cobertura das enchentes no RS. Apesar de considerarem relevante a participação da Rede Globo na cobertura midiática da calamidade naquele estado, os autores observam que “o investimento da emissora no jornalismo para noticiar as enchentes no Rio de Grande do Sul resultou na maior audiência semanal do ano” (Becker; Botelho; Vieira, 2024, p. 154).

Porém, em sua conta pessoal no X (antigo Twitter) o fotógrafo porto-alegrense Fernando Oliveira, conhecido nas redes sociais (X, TikTok e Instagram) pelo perfil @fernao_berthold, publicou uma série de imagens que documentam os estragos causados pelas enchentes no Rio Grande do Sul. Algumas de suas fotografias foram utilizadas por sites e portais de notícias da região, a exemplo do portal Porto Alegre 24 Horas⁷ e do MetSul Meteorologia⁸ ambos extraíndo as imagens e descrições por meio de prints feitos a partir de suas redes sociais, atribuindo os devidos créditos ao autor.

Imagem 1: Print da página do perfil público de Fernando Oliveira no X (@fernao_berthold) com a imagem de um vídeo da Estação Mercado do Trensurb inundada, em Porto Alegre.



Fonte: X.

⁷ RIBEIRO, Adriano. Porto Alegre volta a alagar após madrugada chuvosa; veja imagens. Porto Alegre 24 Horas, 2024. Disponível em: <https://poa24horas.com.br/noticias/2024/06/porto-alegre-volta-a-alagar-apos-madrugada-chuvosa-veja-imagens/> Acesso em: 09 jan. 2025.

⁸ MetSul Meteorologia. Águas sobem no bairro Praia de Belas com a enchente do Guaíba. MetSul Meteorologia, 2023. Disponível em: <https://metsul.com/aguas-sobem-no-bairro-praia-de-belas-com-a-enchente-do-guaiba/#> Acesso em: 09 jan. 2025.

Esse fato demonstra que o trabalho de cobertura fotográfica, mesmo realizado nas redes sociais digitais de um profissional fotógrafo - que também é um usuário dessas plataformas - podem ser replicados na íntegra por diversos meios de comunicação como um instrumental de cobertura *in loco* acerca desses acontecimentos catastróficos, conferindo-lhes um caráter de veracidade e uma relação direta com as tragédias climáticas. Essa proximidade com o estar “aqui e agora” ou presenciar “lá no momento”, em nossa visão, cria uma conexão maior no público leitor com a calamidade.

De todo modo, em 15 de maio de 2024, o Jornal Nacional deslocou-se ao Rio Grande do Sul para cobrir as enchentes, evidenciando a proximidade entre William Bonner e os profissionais da RBS TV. Em uma transmissão diretamente da redação da afiliada, Bonner destacou a importância dos repórteres locais, além de relembrar sua parceria com a jornalista gaúcha Christina Ranzolin, fortalecendo a construção de laços identitários entre a Rede Globo e o estado.

Imagem 2: Print do Jornal nacional quando William Bonner e Christina Ranzolin relembram parceria jornalística no Jornal Hoje.



Fonte: Reprodução/TV Globo.

Ao vivo foi solicitada uma imagem dos dois juntos trabalhando no Jornal Hoje, diante da impossibilidade de encontrar rapidamente o referido registro, nos arquivos da Globo, o apresentador informa que *a posteriori* ambos os jornalistas iriam postar a figura nas suas respectivas redes sociais. Essa estratégia midiática contribui para criar



uma narrativa de proximidade e solidariedade com a população afetada, mantendo o engajamento da audiência.

No Instagram de ambos, não identificamos tal imagem. Tampouco no X. Entretanto, o site do UOL contém uma representação dos dois apresentadores trabalhando juntos na bancada do JN conforme a solicitação do Bonner.

Imagem 3: William Bonner e Christina Ranzolin (jornalista gaúcha) na época em que apresentavam juntos o Jornal Hoje da Rede Globo.



Fonte: UOL Notícias da TV.

Não podemos deixar de associar essa menção às redes sociais ao fenômeno do *personal branding* que se tornou muito comum nos dias atuais aproximando as celebridades televisivas a um vasto público por meio do uso de suas redes sociais. Criando empatia com o gerenciamento das suas imagens, enquanto produtos midiáticos, muitas das vezes atreladas a vendas e propaganda de marcas e empresas dos mais variados segmentos. “A partir da necessidade de se fazer um gerenciamento da marca pessoal, as consideradas pessoas públicas têm-se utilizado de um dos elementos essenciais na construção da imagem pessoal de um indivíduo: o *personal branding*” (Oliveira da Silva; Rocha Silva, 2021, p. 103).

Dessa forma, a proximidade com uma renomada jornalista do estado tende a conectar Bonner, o Jornal Nacional, àquela localidade, por meio de um processo embasado em um imaginário identitário coletivo, como se um antigo vínculo fosse revivido e fortalecido pela Rede Globo no Rio Grande do Sul.



Análise: jornalistas da Rede Globo e reação popular e política gaúcha

Inicialmente, rememoramos que a condução desta análise se baseou na abordagem metodológica da análise de conteúdo, fundamentada em Bardin (1977), acerca do que compreendemos como “narrativas audiovisuais autônomas” - entendidas aqui como conteúdos audiovisuais produzidos por pessoas comuns, fora dos grandes conglomerados midiáticos, nas plataformas digitais - que podem ser disseminados nas redes sociais. Buscamos nessas comunicações suas unidades de sentido, conforme proposto por Gil (2002), permitindo uma interpretação sistemática e aprofundada do fenômeno investigado, denominado como **estratégias de conteúdo propagáveis**.

Um evento envolve a cobertura da Rede Globo, que enviou seu principal jornalista, William Bonner, para o Rio Grande do Sul com o intuito de transmitir o Jornal Nacional diretamente do local da tragédia. Contudo, essa ação encontrou resistência por parte de alguns moradores, que expressaram seu descontentamento por meio de protestos e agressões verbais direcionadas tanto à emissora quanto ao jornalista.

Imagem 4: Print de vídeo no qual Willian Bonner é atacado verbalmente em reportagem ao vivo no RS.



Fonte: MSN notícias.

Durante uma transmissão ao vivo em Porto Alegre, em 7 de maio de 2024, Bonner foi interrompido por um homem que começou a atacá-lo verbalmente. O jornalista, surpreso com o ocorrido, fica emudecido e pela forma como é apresentado no vídeo, se preocupa, evidentemente, com sua segurança e da sua equipe.



O vídeo, quando analisado por nós em suas características técnicas: baixa qualidade em relação à luminância na captação noturna, posicionamento do dispositivo na vertical, falta de estabilidade nas imagens, ausência de uma profundidade de campo nítida, além da própria dinâmica da movimentação da imagem trêmula, levam à conclusão de que foram feitas por meio do uso de um dispositivo móvel de pequeno porte, um celular.

No que se refere ao teor do vídeo, um homem, não identificado, vocifera um discurso com argumentos desprovidos de fundamento, endereçados a várias pessoas públicas e à Rede Globo, em específico. Vamos expor na íntegra sua fala, transcrita a partir do audiovisual referenciado, durante a sua manifestação na capital gaúcha:

Cadê a Globo dentro d'água? Tem empresário no Brasil trabalhando mais do que o próprio presidente. Por que a Globo só veio agora aqui gravar? Por que que não teve ninguém dentro da água antes? Por que é que vocês não estiveram com a gente dentro desse resgate? Na hora de botar na mídia é fácil, depois que tá tudo seco é bem fácil falar. Pode fazer a proteção que for, irmão. Esse espaço aqui é público, entendeu? Eu quero entender o porquê que não teve nenhum nível do presidente pra botar aqui. Depois que a cidade começou, que o povo de Porto Alegre, o povo do Rio Grande do Sul, todo o estado, todo o Brasil ajudando, aí aparece o pessoal agora pra gravar, entendeu? Esse serviço lixo. Esse serviço lixo. Não temos nada a perder. Você vai ficar quieto porque é o seu papel, você defende o pessoal que não tá ajudando a causa. A Globo tava transmitindo Madonna, enquanto o gaúcho tava debaixo d'água. Canoas tava debaixo d'água. Pessoas morreram enquanto a dona, a Janja tava lá vendo a Madonna. Enquanto o Luciano Huck, ele tava fazendo o quê? Pagando pau pra galera da Madonna. Mas o Luciano Hang, que é uma pessoa péssima, ele tava mandando mais efetivo do que o próprio presidente do Brasil. Vergonha da Globo (Garre, 2024).

O excerto acima é um composto de desinformação, *fake news* e distorções da realidade. As acusações do suposto porto-alegrense (já que não identificado) são infundadas, uma vez que a RBS TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul, vinha fazendo a cobertura da tragédia das enchentes desde o seu início. O vídeo desse incidente se propagou rapidamente nas redes sociais digitais. No conteúdo, pode-se aferir que o agressor utilizou a noção de “espaço público” para justificar sua abordagem agressiva, mas essa atitude encobre uma tentativa de silenciar o debate ético nos meios de comunicação.

As críticas dirigidas à Rede Globo refletem um sentimento de frustração em relação à cobertura da calamidade, evidenciado pela comparação com a apresentação do show gratuito da cantora Madonna, no Rio de Janeiro, transmitido pela emissora,



destacando a percepção de que a rede televisiva não estava atenta às necessidades do povo gaúcho.

A figura do apresentador da Globo, alvo dos ataques, Luciano Huck foi mencionada, pois o mesmo fez um evento endereçado à cantora Madonna, logo após a sua apresentação transmitida ao vivo em horário nobre pela própria Rede Globo, em um sábado, dia 4 de maio de 2024. Em um trocadilho com nomes próprios, o agressor exalta a figura do empresário Luciano Hang, que forneceu dois helicópteros pertencentes às suas empresas do grupo Havan para resgatar vítimas, gerando desinformação sobre a participação do Governo Federal no salvamento com suas aeronaves.

No mesmo vídeo, observa-se uma provocação política ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), tanto na acusação infundada sobre o comparecimento de sua esposa, a primeira-dama, Janja Silva, no espetáculo da cantora estadunidense, quanto pelo questionamento da ausência do presidente no estado. Essa falácia é facilmente desmentida, pois Lula já havia ido ao estado em 2 de maio, e a primeira-dama não esteve presente no show supracitado.

Entretanto, vale ressaltar que horas antes da chegada do presidente Lula ao Rio Grande do Sul, o governador Eduardo Leite (PSDB) usou sua conta pessoal no X enfatizando que o momento não era para ser tratado apenas como ações de sobrevoos de helicóptero, nas regiões afetadas, mas sim de estabelecer um compromisso urgente de ajudas disponibilizadas possíveis.

Na descrição de sua postagem, Leite destaca que as aeronaves deveriam ser utilizadas apenas para resgate de vítimas. Em sua exposição, o governador gaúcho explicita a demanda pela ajuda das Forças Armadas, dando ênfase ao auxílio provindo do governo de São Paulo, liderado por Tarcísio Freitas, integrante do Partido Republicanos.



Imagem 5: Print da postagem de um vídeo no perfil do X do governador do RS Eduardo Leite.



Fonte: X.

Observa-se uma conotação explicitamente política no embate público entre direita e esquerda, com a preocupação em enfatizar a necessidade da intervenção das Forças Armadas. Tal inquietação se torna mais evidente ao mencionar a colaboração direta do governo paulista, uma vez que Tarcísio Freitas, governador de São Paulo, é um militar-político e tem sido apontado em algumas pesquisas preliminares como provável sucessor de Jair Bolsonaro nas próximas eleições presidenciais.

A mensagem de Eduardo Leite pode ser associada ao movimento bolsonarista, considerando que o próprio governador do Rio Grande do Sul possui um posicionamento de direita, o que fica bastante acentuado nas entrelinhas de seu discurso. Debord (2012, pp. 20-21) evidencia que os “meios de comunicação de massa” tendem a expor alguns monólogos que se autoelogiam, como uma espécie de *selfie* do próprio poder em sua administração totalitária, por meio de uma manifestação superficial, porém esmagadora, subsidiada por uma suposta “comunicação” instantânea cujo teor é unilateral.

Evidentemente que a fala do governador gaúcho não está relacionada a provocações à Rede Globo, mas segue a mesma lógica da utilização das **estratégias de conteúdo propagáveis**, não no sentido de invadir uma transmissão televisiva ao vivo, mas sim em disseminar-se pela web, com conteúdo que pode gerar desinformação, sobretudo, quando enaltece a ajuda obtida por um determinado



governador e diminui efetivamente a importância do Governo Federal na figura de seu representante maior, o próprio Presidente da República, presente no acompanhamento das tragédias naquele estado. “A cisão generalizada do espetáculo é inseparável do *Estado* moderno, isto é, da forma geral da cisão na sociedade, produto da divisão do trabalho social e órgão da dominação de classe” (Debord, 2012, p. 21).

Em meio a um estado de calamidade climática, todos sentem-se pormenorizados pela própria força da natureza. Sensíveis aos eventos extremos, é completamente compreensível duvidar de tudo que está à sua volta, seja na materialidade dos espaços, paisagens e arquiteturas, seja no entendimento dos poderes estatais que deveriam lhes assegurar o básico, a ajuda humanitária. Muitas das vezes, a sensação de abandono é intensificada por discursos nos quais tenta-se evidenciar falhas das autoridades competentes.

O próprio sistema dominante do capitalismo, com suas tecnologias, tende a sujeitar as pessoas ao isolamento, diminuindo consideravelmente a interação humana genuína. Do uso do automóvel à televisão, passando pelos dispositivos móveis, subsidiados pelo uso das tecnologias digitais que mais segregam que unem as populações. Isso é bastante evidenciado por tantos estudos e diálogos didáticos que já cabe no senso comum. Indivíduos isolados social e emocionalmente tendem a ser dominados por mecanismos discursivos.

Tal fato é bastante acentuado em tragédias climáticas, o que torna as pessoas vulneráveis e propícias a acreditarem em estratégias narrativas com as mais diversas intenções. Essas “multidões solitárias”, como bem define Debord (2012, p. 23), se veem ilhadas e pensam que determinadas **estratégias de conteúdo propagáveis** lhes asseguram uma cidadania desprovida de um pensamento crítico, chegando a pensar que determinadas ações que lhes são benéficas estão prejudicando-as.

Isso fica mais evidente ao analisarmos outro caso de cobertura midiática quando o jornalista Eduardo Paganella - pertencente ao quadro da RBS TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul - foi hostilizado por populares *in loco*, no dia 11 de maio de 2024, em uma transmissão ao vivo (Perline, 2024) sobre uma reportagem direto da cidade de Canoas, no referido estado. Em um abrigo, no qual fazia o conteúdo televisivo o repórter foi surpreendido por voluntários que iniciaram o coro anunciando a frase Globo Lixo, em alusão a hashtag #GloboLixo, difundida nas redes sociais pelo movimento bolsonarista.



Imagem 6: Print com Eduardo Paganella da RBS TV (Rede Globo) hostilizado em Canoas (RS).



Fonte: X.

Outro profissional da RBS TV, em um momento distinto, foi iniciar seu trabalho com uma entrada ao vivo para o Jornal da Globo, no dia 8 de maio de 2024, mas teve sua transmissão interrompida por diversas frases ofensivas endereçadas a Rede Globo. Ele ainda contextualiza a ocorrência dizendo que os ânimos dos populares estavam alterados no local e avisa à jornalista âncora Renata Lo Prete que vai encerrar a transmissão direta. Quando no local ouviam-se gritos que atrapalhavam sua participação, que objetivava mostrar tendas médicas para prestar socorro às vítimas em Porto Alegre, pode-se perceber nitidamente um manifestante que anunciava um recado endereçado ao editor-chefe do Jornal Nacional: “William Bonner, você não tem mais autoridade aqui em Porto Alegre” (UOL, 2024).



Imagem 7: Print com Arlindo Palermo, repórter da RBS TV (Rede Globo), hostilizado em transmissão ao vivo para o Jornal da Globo em Porto Alegre (RS).



Fonte: X.

Os episódios envolvendo os ataques a jornalistas da Rede Globo durante a cobertura das enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024, refletem um fenômeno mais amplo de desconfiança e polarização política no Brasil. A reação popular, exacerbada por desinformação e narrativas enviesadas, sobretudo, devido ao uso indiscriminado de dispositivos móveis como ferramentas de produção, consumo e (re)circulação de conteúdos informativos duvidosos, coloca em evidência como tragédias climáticas podem ser instrumentalizadas para reforçar divisões sociais e críticas infundadas à mídia.

As agressividades contra jornalistas exemplificam a utilização das **estratégias de conteúdo propagáveis**, que se valem do descontentamento popular e do isolamento promovido pelas próprias tecnologias para simular uma falsa cidadania participativa. Ressalta-se aqui que a nossa compreensão de cidadania está intrínseca aos princípios da democracia: “um exercício, uma prática que se constitui na criação de espaços sociais de lutas - como os partidos políticos e movimentos sociais - e na definição de instituições para a expressão política - como partidos, organizações, conselhos populares etc.” (Costa; Ianni, 2018, p. 54).

Dessa forma, em alguns casos, a sociedade contemporânea, marcada pela alienação das representações, favorece o surgimento de “agrupamentos sociais solitários” que, afastados da pluralidade dos movimentos sociais democráticos, em momentos de vulnerabilidade, encontram nas redes digitais um campo fértil para propagar e consumir narrativas manipuladas e superficiais, sem um engajamento com



as realidades políticas e sociais pertencentes ao seu entorno. Sem um senso crítico apurado, as populações ficam à mercê da desinformação, podendo sofrer mais danos físicos e psicológicos irrecuperáveis, à medida que se tornam vítimas de manipulações dos interesses de determinados grupos dominantes, que agravam sua fragilidade em momentos de crise, em detrimento dos seus anseios particulares.

Considerações finais

As mudanças climáticas, causadas pelo aquecimento global, estão provocando situações trágicas para a humanidade. Esses eventos catastróficos têm a mídia como aliada em suas coberturas, além de serem essenciais no combate às *fake news*, que apenas desnorream o pensamento coletivo em meio às calamidades e aumentam o risco para as pessoas, que, isoladas, passem a acreditar que não podem contar com o auxílio das instituições e órgãos competentes.

Evidenciamos que os poucos casos aqui averiguados se deram na urgência da própria crise climática ocorrida na região Sul do país, algo incomum nas proporções como aconteceu. Após notarmos que os enfrentamentos entre populares e jornalistas, gravados por celulares, viralizavam, sem a chance de haver um debate ético entre ambas as partes, percebemos a necessidade de analisar seus conteúdos; assim surgiu nosso corpus investigativo.

Sendo assim, estudos como este visam alertar sobre o confronto entre veículos de comunicação televisiva e parte de um público local, revelando as **estratégias de conteúdo propagáveis** que criam uma falsa impressão de cidadania. A intenção desse escrito é demonstrar que as situações de calamidade exigem ações solidárias, nas quais a veracidade dos fatos é essencial para enfrentar os desafios dessas vivências.

Apesar da polarização política do Brasil nos últimos anos e da onda conservadora que assola o mundo, tentamos nos desviar das dicotomias do binarismo reacionarista e progressista contidas nas narrativas levantadas, propondo outras nuances no entendimento do fenômeno comportamental coletivo de sujeitos afetados por uma calamidade de grande magnitude conforme as ocorrências no Rio Grande do Sul. Para isso, ressaltamos aqui o fato de que historicamente há uma desconfiança de parte dos brasileiros, independente da região em que se encontra, com relação à postura política da Rede Globo, que possui aspectos dicotômicos em alguns momentos importantes na história democrática de nosso país. Para sermos mais exatos, em 26 de abril de 1965, a Rede Globo foi inaugurada, em plena Ditadura Militar (1964-1985).



E, diante daquele contexto de censura, conseguiu desenvolver-se tornando-se um instrumento poderoso de comunicação.

Na recente redemocratização do Brasil, a Globo ficou indiferente na ocasião da destituição do mandato da presidenta Dilma Rousseff, em 2016. Cobriu a ascensão e a queda da figura do ex-juiz e ex-ministro Sérgio Moro. Até mesmo na culpabilização e inocentização de então presidente Lula, no âmbito do processo da Lava Jato, o canal televisivo se mostrou bastante atuante. Essa ambiguidade política que perpassa seu histórico fez com que a Rede Globo adquirisse, ao longo do tempo, certa desconfiança dos brasileiros no que se refere às suas coberturas midiáticas de eventos importantes para a construção democrática de nosso país. Isso se dá também pelo fato de seu vasto alcance com os sinais de radiodifusão.

No contexto das enchentes do RS, a cobertura da Rede Globo no local pode ter sido entendida como uma intervenção política baseada em uma lógica de produção de notícias em massa, com o possível tratamento e retratação das vítimas, mais como objetos de entretenimento ou símbolos do sofrimento do que como sujeitos de suas próprias histórias com os seus diversos atravessamentos de sentimentos que carecem evidentemente de mais cuidado e atenção humanitária.

A juventude ou outros grupos com demais marcadores sociais que atacam (ou se defendem) da Globo podem estar, portanto, se rebelando contra essa espetacularização da dor e contra a forma como a mídia representa eventos graves em momentos que desconsideram as realidades locais e as múltiplas necessidades das vozes dos afetados. Essa rebeldia pode ser vista como uma resistência a uma mídia corporativista (mercadológica) que tende a reduzir a complexidade das questões sociais e singulares de cada vida afetada pela calamidade a uma simples transmissão local na perspectiva de quem está *in loco*.

No caso dos ataques (ou defesa) contra a Rede Globo, pode-se entender que as pessoas que se rebelaram contra a cobertura midiática dessa emissora estavam resistindo a uma representação possivelmente distorcida ou descontextualizada da situação que vivenciavam. A crítica à Globo logra ser vista como uma forma de resistência ao monopólio das narrativas que a mídia hegemônica busca construir, uma tentativa contra-hegemônica, na qual grupos sociais buscam representar suas próprias verdades e romper com a lógica imposta pela mídia dominante e seus representantes.

A questão é que todos têm o direito de realizar manifestações públicas, desde que fundamentadas na verdade e no debate ético. Assim, o papel da mídia como prática



social torna-se cada vez mais importante, garantindo a liberdade de expressão e contribuindo para a libertação da humanidade de suas amarras e opressões.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo* Lisboa: Edições 70, 1977.

BECKER, Beatriz.; BOTELHO, Jéssica; VIEIRA, Agostinho. Desafios do jornalismo e dos jornalistas no enfrentamento da crise climática: o combate aos problemas socioambientais do RS no JN. **Mídia e Cotidiano**, v. 18, n. 3, p. 139-159, 26 set. 2024. DOI: <https://doi.org/10.22409/rmc.v18i3.63272>

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONNER EMBARCA PARA O RS PARA APRESENTAR O JORNAL NACIONAL. **Jornal Nacional/G1**, 06 mai. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/05/06/bonner-embarca-paro6-de-a-o-rs-para-apresentar-o-jornal-nacional.ghtml> Acesso em: 13 de out. 2024.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y Poder**. 1ª ed. Tradução (em espanhol) María Hernnárez Días. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

COSTA, Maria Izabel Sanches; IANNI, Aurea Maria Zöllner. O conceito de cidadania. In: **Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea**: uma análise teórica [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2018, pp. 43-73. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/sysng> Acesso em: 13 jan. 2025.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The mediated construction of reality**. Cambridge: Polity press, 2017.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

ELER, Guilherme. O que explica a temporada anormal de incêndios na Austrália. **Super Interessante**, 1º jan. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/o-que-explica-a-temporada-anormal-de-incendios-na-australia/> Acesso em: 9 out. 2024.

FEREIRA, Afonso; GALVÃO, Walder. Terroristas bolsonaristas invadem Congresso Nacional, Palácio do Planalto e STF, em Brasília. Distrito Federal: **G1**, 8 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/bolsonaristas-radicaais-entram-em-confronto-com-a->



policia-na-esplanada-e-sobem-rampa-do-congresso-nacional-em-brasilia.ghtml
Acesso em: 22 dez. 2024.

Furacão Irma deixa mortos e causa destruição no Caribe. **G1**, 7 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/furacao-irma-deixa-mortos-e-causa-destruicao-no-caribe.ghtml> Acesso em: 11 out. 2024.

GARRE, Renata. Morador ataca William Bonner durante reportagem ao vivo no RS: “Lixo”. **Contigo/UOL**. Disponível em: <https://contigo.uol.com.br/noticias/famosos/morador-ataca-william-bonner-durante-reportagem-ao-vivo-no-rs-lixo.phtml>. Acesso em: 20 set. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4^a.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE. **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2023**: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102107> . Acesso em: 28 nov. 2024.

INCÊNDIOS FLORESTAIS DEVASTAM TURQUIA E GRÉCIA. **CNN Brasil**, 01 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/incendios-florestais-na-turquia-ja-deixaram-seis-mortos-e-afetam-resorts/> Acesso em: 14 out. 2024.

JANJÁCOMO, Mariana. Nevasca afeta mais de 100 milhões de pessoas nos Estados Unidos. **CNN Brasil**, 02 fev. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/nevasca-afeta-mais-de-100-milhoes-de-pessoas-nos-estados-unidos/> Acesso em: 10 out. 2024.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Editora ALEPH, 2015.

MAIS DE 1,1 MIL MORTOS E UM TERÇO DO PAÍS INUNDADO: A TRAGÉDIA DAS CHUVAS NO PAQUISTÃO. **BBC News Brasil**, 30 ago. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62722477> Acesso em: 28 set. 2024.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos Meios às Mediações**: Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MENDES, Lavínia de Sousa Almeida. *Black Lives Matter*: gênese e adaptações do movimento. Repositório de Anais da **ANPUH-GO**, [s.l.], p. 148-157, 2022.

O DESASTRE DE 2011 NO JAPÃO EM NÚMEROS. **AFP**, 4 de mar. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/03/04/interna_internacional,1243116/o-desastre-de-2011-no-japao-em-numeros.shtml Acesso em: 29 set. 2024.



OLIVEIRA DA SILVA, Susi; ROCHA SILVA, Adriano Santos. A utilização do *personal branding* por influenciadores digitais na indução do comportamento dos usuários de mídias sociais. **Revista Formadores**. Vol. 14, nº. 1, p. 103 -121. Disponível em: <https://adventista.emnuvens.com.br/formadores/article/view/1462> Acesso em: 22 dez. 2024.

O QUE CAUSA O CALOR ‘INFERNAL’ QUE ATINGE A EUROPA? **BBC News Brasil**, 28 jun. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48780106> Acesso em: 10 out. 2024.

PATRÍCIA POETA VAI APRESENTAR O ENCONTRO DIRETO DE SUA CIDADE NATAL, NO RIO GRANDE DO SUL. Rio de Janeiro: **Gshow**, 16 maio 2024. Disponível em: <https://abrir.link/HdMfK> Acesso em: 9 out. 2024.

PERLINE, Gabriel. Repórter da Globo é hostilizado ao vivo em abrigo no RS: “Incomodado”. **Gente iG**, 2024. Disponível em: <https://abrir.link/LswHr> Acesso em: 28 nov. 2024.

SILVA, Fernando Firmino. **Jornalismo móvel**. Salvador: EDUFBA, 2015.

STEPHEN, Leah. Por que o ciclone idai, que atingiu países da África, foi tão destrutivo. **National Geographic Brasil**, 25 mar. 2019. Disponível em: <https://abrir.link/rFBzf> Acesso em: 10 out. 2024.

STURARI, Vinícius de Souza. Manifestações brasileiras e o Movimento Vem Pra Rua: breve análise dos acontecimentos. Vol. 17, nº. 2, p. 143-159. **Revista Em Tese**. Seção Especial COVID-19 e Edição Especial I Seminário Sociologia e Política, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2020v17n2p143>.

TAYLOR, Keeanga-Yamahatta. O surgimento do movimento#vidasnegrasimportam. **Lutas Sociais**, v. 22, n. 40, p. 108-123, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/l/article/view/46658>. Acesso em: 09 jan. 2025.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

UOL. **Repórter é hostilizado ao vivo no Jornal da Globo durante cobertura da tragédia no RS**. Disponível em: <https://abrir.link/SBsgl> Acesso em: 28 nov. 2024.

VILLELA, Cícero Costa; CHIARETTI, Paula. “Não é só pelos 20 centavos”: Direitos, Autoria e Interpretação. In. RODRIGUES, Marília Giselda; NOGUEIRA, Luciana; MAZZOLA, Renan Belmonte (org.). **Democracia, ditadura e direitos humanos em perspectiva discursiva**. Franca, SP: Unifran, 2018.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.